



VOTO DE PESAR

“Na manhã do passado dia 3 de Fevereiro, com 87 anos de idade, morreu António Eduardo Borges Coutinho. Era um homem bom: inteligente, culto, leal, extraordinariamente corajoso e com enorme sentido de solidariedade. E toda a sua vida se pautou por uma elevada consciência dos seus deveres como cidadão”. A singeleza destas palavras - ditas e escritas por alguém que com ele privou, íntima e solidariamente -, resumem bem o essencial de uma história de vida controversa, intensa, por vezes dramática, mas profundamente coerente – foi um lutador pela liberdade e pela democracia, opositor confesso e activo à ditadura salazarista. António Eduardo Borges Coutinho, advogado e político de raízes micalenses, foi o primeiro Governador Civil do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, depois do 25 de Abril de 1974, tendo integrado o chamado Grupo dos Onze, com elementos do PPD, PS e MDP/CDE, o qual elaborou um projecto de autonomia para os Açores, que previa a criação de uma Junta Regional e perseguia a aplicação de uma Lei do Arrendamento Rural mais justa, capaz de proteger os rendeiros dos grandes proprietários e terratenentes. Exerceu estas funções até à manifestação de 6 de Junho de 1975, tendo pedido a sua demissão, publicamente (numa das varandas do Palácio da Conceição), na sequência dos acontecimentos que esta despoletou. Desde então, fixou residência em Lisboa, tendo sido director do jornal “Farol das Ilhas” (profusamente distribuído nos Açores e na Madeira e veículo de difusão de ideais anti-separatistas e democratizadores das duas regiões), entre 1977 e 1979. Em 2001, foi agraciado pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, com a Ordem da Liberdade, grau de Grande Oficial. Nada mais justo, se atendermos ao percurso de lutador anti-fascista (para muitos, o mais emblemático, em S. Miguel e nos Açores e, indiscutivelmente, uma referência nacional), percurso iniciado muito cedo, apesar de ser oriundo de uma família aristocrata e apoiante do regime. A sua doutrinação política e ideológica, influenciada pelo socialismo de António Sérgio e pelo



Pensamento de Agostinho da Silva, compeliu-o a participar, de forma apaixonada e audaz, em lutas várias, por um verdadeiro e autêntico aprofundamento da democracia. Foi assim, no apoio à candidatura presidencial do general Humberto Delgado, tendo sido (em condições que podemos imaginar difícilimas) o único membro da Comissão Distrital, transformando mesmo o palácio de família, onde residia, na sede da respectiva campanha, em 1958. Foi assim, na tentativa de alertar a opinião pública para o verdadeiro significado do caso Santa Maria, através de inscrições nas paredes da cidade de Ponta Delgada (“Viva Galvão”, “Abaixo Salazar”), ousadia que lhe valeu 6 meses de prisão e um julgamento em Tribunal Plenário, em Lisboa, corria o ano de 1961. Foi assim, na tentativa de constituir um apoio ao falhado golpe de Beja. Foi assim, na integração das listas da CDE para a Assembleia Nacional, em 1969, pelo distrito de Ponta Delgada, tendo esta obtido 22,2% dos votos, o segundo melhor resultado, em todo o País. Vale a pena transcrevermos um relatório da PIDE, de 1963, para fazermos uma pequena ideia da devassa a que sua vida foi sujeita, durante os anos de ditadura: “Esta polícia tem procurado aparecer onde o Dr. Borges Coutinho aparece; tem procurado contactar com quem ele contacta. Quer dizer, tem-se procurado provar ou, pelo menos, convencer, que não é possível ao Dr. Borges Coutinho conviver, seja com quem for, fora das vistas da Polícia. Procura-se, assim, isolar o Dr. Borges Coutinho”. Sem êxito, apesar de tudo, dizemos nós. Porque António Eduardo Borges Coutinho foi conseguindo agregar à sua volta um grupo de jovens que o apoiava, nas suas actividades (ainda hoje, muitos recordam os célebres serões, em sua casa, onde tudo se discutia: Antero, António Sérgio, Marx, Sartre, Camus e, obviamente, política) influenciando, profundamente, a emergência de uma nova geração de opositores ao regime ditatorial, entre os quais se contam nomes como Mário Mesquita, Medeiros Ferreira, Jaime da Gama, o saudoso Padre Dr. Manuel António Pimentel, entre muitos outros. Do muito que falta dizer sobre



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Gabinete da Presidência

esta figura de referência da oposição à ditadura fascista e da luta por um Portugal democrático, sobressai a sua adesão, em finais dos anos setenta do século passado, ao Partido Comunista Português, facto de que sempre deu nota pública e militante. É dando voz à consternação que tantos sentem com o seu desaparecimento, que fazemos nossas as palavras de um outro amigo e companheiro: “Os Açores e os portugueses, em geral, devem-lhe uma homenagem e um reconhecimento pela sua luta pela liberdade e pela sua recta intenção como participante da coisa pública”.

Assim, nos termos regimentais e estatutários aplicáveis, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, aprova um voto de pesar, pelo falecimento do Dr. António Eduardo Borges Coutinho.

Aprovado, por maioria, pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta, em 24 de Fevereiro de 2011.

Presidente da Assembleia Legislativa

da Região Autónoma dos Açores

Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral